

## O PARADIGMA DIGITAL: UM BREVE DIÁLOGO COM BYUNG-CHUL HAN

### *THE DIGITAL PARADIGM: A BRIEF DIALOGUE WITH BYUNG-CHUL HAN*

*Airilço Chaves Nantes<sup>1</sup>*

**Resumo:** Byung-chul Han é um dos autores mais vivos, ativos e difundido, conhecido por seu caráter clarividente e dissecador das ambiguidades que assolam a contemporaneidade. O olhar deste filósofo germano-coreano sobre o indivíduo que, centrado em seu desempenho, expulsa o diferente, nega e exclui o negativo, centrando-se apenas na positividade. Han chama a atenção ao fato da crescente aceleração produtiva que desconsidera a necessidade do cultivo de tempos livres, espaços de descanso, pausa na produtividade, não como experiência de recuperação de energias para retornar à produtividade, mas como vivência que contempla e sente a vida. Habita-se em uma época sem fronteiras e limites, todos permanecem interligados forma ininterrupta, conectados, exibindo sua intimidade como em vitrines, expondo-se ao mercado como objetos de consumo, escravos de si mesmo e de seu eu narcísico. Por isso, a contemporaneidade, altamente tecnológica, é definida por Han como sociedade do cansaço.

**Palavras chaves:** Paradigma. Desempenho. Sociedade.

**Abstract:** Byung-chul Han is one of the most alive, active and widespread authors, known for his clairvoyant character and dissecting the ambiguities that plague contemporary times. The view of this German-Korean philosopher on the individual who, centered on his performance, expels the different, denies and excludes the negative, focusing only on positivity. Han draws attention to the fact of the growing production acceleration that disregards the need to cultivate free time, rest spaces, pause in productivity, not as an experience of recovering energy to return to productivity, but as an experience that contemplates and feels life. We live in an age without borders and limits, all remain interconnected in an uninterrupted way, connected, displaying their intimacy as in shop windows, exposing themselves to the market as objects of consumption, slaves of themselves and their narcissistic self. For this reason, contemporary, highly technological, is defined by Han as a society of tiredness.

**Keywords:** Paradigm. Performance. Society.

---

<sup>1</sup> Possui Graduação em Pedagogia pela Associação Nova Andradinense de Educação e Cultura - ANAEC (2004). Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB (2007). Graduado em Teologia pelo Instituto Teológico João Paulo II - ITEO (2012). Graduado em Teologia pela Faculdade João Paulo II - FAJOPA (2013). Especialização Lato Sensu em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual (ECO) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (2016). Mestrado em Psicologia da Saúde pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB (2018). Especialização Lato Sensu em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica pela Faculdade Futura (2020). Especialização Lato Sensu em Terapia da Constelação Familiar e Sistêmica (Em andamento) pela Faculdade Unyleya. Doutorando em Psicologia (em andamento) pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES) de Buenos Aires - Argentina. Possui experiência na área de Teologia Prática com ênfase em Teologia do Aconselhamento. Atualmente realiza pesquisas que gravitam em torno dos seguintes temas: Religiosidade, Espiritualidade, Bem-estar Psicológico (BEP) e saúde mental do Clero Católico.

## Introdução

A contemporaneidade, dentre tantas possibilidades e vias de acesso, pode ser compreendida a partir da mudança radical de paradigmas. Entende-se aqui paradigma a partir do termo grego *parádeigma*, que significa modelo, representação de um padrão, pressuposto filosófico, modelo, referência. A noção de paradigma foi desenvolvida por vários teóricos em várias perspectivas, mas dado a brevidade deste opúsculo e por opção metodológica, far-se-á o uso da abordagem de Thomas Kuhn em sua obra, *Estrutura das Revoluções Científicas*, e dela retirar-se-á o conceito de paradigma.

Nesta obra Kuhn (1998), define paradigma como sendo um conjunto de pressupostos, crenças, escalas de valores, técnicas, conceitos compartilhados por uma comunidade em um determinado momento histórico, que constituirão regras e padrões de procedimentos. Na opinião de Amorim e Neto (2011), em sentido metafórico, o termo paradigma pode ser compreendido como uma espécie de lente, horizonte estruturante, estrutura mental que organiza, modo de produzir novas possibilidades, proposta de soluções aos entraves, estes e outros termos sinônimos indicam que um paradigma passa a ser acessado de modo individual e coletivo, acordados consciente ou inconscientemente entre os indivíduos de uma determinada época.

De acordo com Han (2013), nesta era digital as distâncias são anuladas, tudo é desnudado, desvelado, tudo está próximo, facilitado com um rápido deslizar de dedo sobre a tela do *smartphones*, tornando possível e rápido todas as realidades. Esta fascinante tecnologia que produziu e produz inúmeras vantagens, também faz com que seus usuários entusiastas tornem-se, dentre tantas possibilidades, um ser altamente narcisista, desrespeitado em sua privacidade e intimidade ilimitada, tornando sua vida privada uma mercadoria e auto propaganda, fazendo-o imerso em um excesso de informações, de modo que tal sobrecarga de informações, não processadas, jamais se torna conhecimento.

Devido ao poder das novas formas de comunicação e interação social, o indivíduo habita em uma sociedade marcada pelo controle, cansaço, desempenho, vigilância de todos por todos, como Foucault defendia em seu modelo de sociedade disciplinar. Mas, de acordo com Han (2013), diferentemente da sociedade disciplinar de Foucault, os tempos atuais são marcados, sobretudo pelas conexões e dinâmicas virtuais que, como uma torre central lança um olhar que vigia tudo e todos, mas com a autorização desejada

dos vigiados, que em nome de uma suposta liberdade, autoescravizam, expondo-se, revelando-se “livremente”.

## **1. Conhecendo brevemente Byung-Chul Han**

Byung-Chul Han (1959) nasceu na Coreia, mas se transferiu para Alemanha onde realizou seus estudos em filosofia na Universidade de Freiburg, Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, fez o doutoramento na primeira destas universidades com uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente é Professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim.

Byung-Chul Han tem se tornado um dos pensadores mais ativos acerca da contemporaneidade propondo um diagnóstico preciso dos tempos atuais em forma de crítica à sociedade, que para ele, articula-se em torno de um excesso de positividade, produtividade, nomeada por ele de sociedade do desempenho. Este importante filósofo contemporâneo, autor de uma dezena de ensaios, dentre eles: *Sociedade do cansaço* (2010); *Sociedade da transparência e Agonia do Eros* (2012); *El el exambre* (2014); *A salvação do Belo* (2015); *El aroma del tempo: Un ensayo filosofico sobre ele arte de demorar-se* (2015); *La expulsión de lo distinto* (2017); dentre vários outros.

Os livros de Byung-Chul Han geralmente são de poucas páginas, mas apresentam sempre uma reflexão muito densa, aprofundada, fazendo uso de uma linguagem acessível, precisa, de modo que o leitor menos iniciado em filosofia consegue compreender. Vale frisar que Byung-Chul Han tem se tornado um dos pensadores mais ativos da contemporaneidade, uma vez que propõe um diagnóstico preciso dos tempos atuais em forma de crítica à sociedade do desempenho.

Na compreensão de *Bontempo* (2018), o filósofo germano-coreano faz uma análise da contemporaneidade demonstrando que no século XXI o homem padece por enfermidades neuronais, dentre elas se destacam: depressão, transtorno de déficit de atenção, síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe, síndrome de Burnout (SB), estresse, cansaço generalizado e outros transtornos relacionados diretamente ao desempenho. Byung-Chul Han (2014) também estabelece um diálogo tendo em vista compreender a sociedade contemporânea e sua relação com outro dado tipicamente contemporâneo que é o fenômeno da virtualidade.

## **2. O olhar filosófico de Byung-Chul Han sobre a realidade virtual**

De acordo com Han (2017), a contemporaneidade se define como a sociedade do desempenho, onde a preocupação das pessoas não se encontra mais em submeter-se às instituições externas, mas na submissão às cobranças internas que se manifesta sob a égide de um constante desempenho, maximização da produção, ausência de pausa e excesso por alta performance. Em contrapartida, estas constatações impossibilitam a contemplação e o descanso.

De acordo com Oliveira (2018), o filósofo germano-coreano observa indica que o indivíduo contemporâneo é constantemente estimulado a desenvolver seus poderes sobre si mesmo, busca avidamente a felicidade, anseia por um intenso bem-estar. Além do mais, ele acredita possuir poderes ilimitados para concretizar seus desejos, tende a relegar sentimentos e emoções como raiva, tristeza, desamparo e outros estados anímicos, percebidos como altamente negativos, e que por isso devem ser extirpados da existência.

Com base em Han (2014), nota-se que o homem contemporâneo define-se por ser multitarefeiro, focado em várias direções, sempre conectado, hipertenso, acelerado, com frequentes mudanças de foco, com grande intolerância ao tédio, sem espaço para o descanso, incapaz de ver, escutar, falar, e pensar por si mesmo. Em sua obra *No exame, perspectivas do digital*, Han (2014) apresenta o modo como as novas formas de comunicação são manuseando e aponta como o fenômeno da internet tem influenciado e alterado comportamentos, percepções, criado uma confusão entre público e privado, pois para ele, é possível notar que:

En estos nuevos espacios y tiempos virtuales, donde ya no se acumula información, sino que la información está hecha a la medida y satisface necesidades personales, se configuran gustos, tendencias y formas de ser y estar a través de las TIC. (HAN, 2014, p. 13).

Estas novas formas de interação humana advindas com a mídia digital têm provocado desprogramações, significativas e acentuadas alterações comportamentais no tocante à convivência, às sensações, aos pensamentos. Elas, ainda geram uma espécie de embriaguez, sem que seja possível avaliar inteiramente as consequências delas.

O excesso de exposição às mídias digitais, não poucas vezes tende a produzir desgaste psíquico, sobretudo no tocante às esferas trabalhistas, onde, graças ao meios digitais a sobrecarga laboral produziu, dentre tantas, as seguintes realidades psíquicas: a) Forte pressão pelo cumprimento de metas; b) Pressão por parte próprios colegas de

trabalho; c) Internalização das regras da empresa; d) Acelerada e alta produtividade; e) Alto nível de concentração devido aumento do número de tarefas a serem operadas ou supervisionadas; f) Acentuado ritmo de trabalho nos quais se eliminam quaisquer períodos de suposto descanso como finais de semana e feriados.

Na compreensão de Habowski & Conte (2018), quando as pessoas passam a competir constantemente com elas mesmas, obedecendo às suas ambições, sendo pressionadas constantemente por desempenho, experimentando carência de vínculos, tais vivências provocam um grande desgaste emocional e existencial. Este indivíduo de desempenho, para Han (2017), encontra-se em autoacusação destrutiva, autoagressão, desrespeito para com o próprio limite, expressando uma sociedade enraizada com o mais elevado padrão de sucesso, competência, em uma impossível concorrência com o mundo virtual. Na compreensão de Han (2017), esta sociedade do desempenho e da alta performance faz com que se perca a capacidade de contemplação, o repouso e o tédio não encontram mais espaço por terem sido preenchidos o tempo todo por muitos estímulos, pois atendemos ao celular, respondemos a um *whats app* enquanto cozinhamos.

Não é difícil constatar que em ambientes públicos pessoas esbravejam com alguém no *facebook*, checam o *twitter* dirigindo o carro ou caminhando, postam e compartilham fotos no Instagram enquanto conversam com um amigo, de modo que tal dinâmica aparenta ser cada vez mais socialmente aceita e compreendida. Para Han (2017), a era das conexões e dos meios e técnicas de comunicação, são tecnologias neutras, que inegavelmente possuem inúmeros fatores positivos, indispensáveis, sem os quais não se pode mais viver, embora, o uso excessivo de tais meios, ainda que justificadamente e compreensivelmente aceitas, provocam uma corrosão nas relações intrapessoais e interpessoais, pois o continente digital é desprovido de alteridade e de crítica.

Neste continente digital o eu narcísico circula, sempre desejoso de desempenho, tendo a sua disposição uma imensa quantidade de opções, permanecendo a incapacidade de interligações, relacionamentos consigo mesmo e com os outros. Este eu narcísico para Han (2017), faz com grande parte da energia psíquica esteja voltada para si mesmo e o restante distribui-se em contatos crescentes numericamente, geralmente relações superficiais, passageiras, contexto este gerador de indivíduos depressivos, esgotados pelo exercício de suas forças, agora enfraquecidos de si mesmos, exaustos por responder a tantas iniciativas que lhes foram impostas.

Na compreensão de Marteleto (2010), as redes sociais são onipresentes e indispensáveis por mediar a comunicação e interação dentro de um mundo

globalizado, interconectado, fazendo ser possível a socialização, o conhecimento e a aprendizagem. Byung-Chul Han, de certa forma, dialoga com o pensamento de Bauman (2004) sobre as novas ferramentas de comunicação e concordam entre si quando afirmam que as relações humanas se tornaram mais efêmeras, superficiais, velozes, marcadas pela facilidade e rapidez de descarte, distanciando e excluindo destas relações vivências desafiantes ou questionadoras. O mesmo Bauman (2004), afirmava que as novas tecnologias aplicadas nas relações humanas carregavam elementos de ambiguidade como a falta de veracidade, ausências de transparência expressa no anonimato, distanciamento, fazendo com que vivências de respeito pela alteridade fossem algo, não poucas vezes, inexistentes.

Um outro elemento danoso nas novas formas de comunicação e interação social reside no fato de que o diálogo deixou de ser um contato com o diferente, com o estranho, com o estrangeiro, fazendo das redes sociais palco e espaço de intolerância, arrogância e outras formas danosas de expressão. Esta nova forma de interação mediada pelo digital traz consigo promessas, desejos, possibilidades e outras sensações que criam a esperança de uma sociedade melhor, mas, sobretudo, terminam por manifestar suas ambiguidades e debilidades como a utilização de tais recursos tecnológicos para a estruturação, conservação e expansão dos meios de fomento do consumo, tornando tal ferramenta instrumento de dominação da grande massa.

### **3. Possíveis riscos à saúde mental: excesso de informações e potencialização da ansiedade**

No diagnóstico de Bauman (2016) sobre a contemporaneidade, os meios digitais, ao invés de utilizados à ampliação de horizontes, tornaram seus usuários prisioneiros em suas zonas de conforto, local onde o único som ouvido é o eco da própria voz. O indivíduo contemporâneo tende naturalmente a contemplar-se, enxergar único rosto vislumbrado nos reflexos da própria face, por isso, que as redes de interação digital, extremamente úteis, oferecem infindáveis oportunidades que se transformaram em uma armadilha quando utilizadas de modo excessivo.

Na opinião de Cestari (2016), os indivíduos habitam em uma sociedade obesa de informações. Além disso, todo excesso de conteúdo produz indivíduos com uma personalidade insensível, indiferentes, com um excesso de positividade exagerado e com uma alta defasagem de manuseio de frustrações. As leituras de Han (2015) sobre a

contemporaneidade definem os tempos atuais caracterizando-os por uma certa supressão da alteridade, recusa da estranheza, ignorância da diferença, crescente positividade, exclusão da negatividade, oferecendo uma percepção dual da realidade: amigo e inimigo, interno e externo, próprio e estranho, dentre outros.

Na percepção de Han (2015), cada época produz suas patologias, de modo que, se no século XX tivemos, no entender dele a era bacteriológica, tendo seu desfecho com a descoberta dos antibióticos, no século XXI temos não mais a perspectiva bacteriológica, nem viral, mas, neuronal, onde transtornos neurais gerados pelo desgaste e pela queima de energias, apresentam-se como patologias emergentes. Nos primórdios do século XXI, destacam-se, não mais as patologias geradas pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas sim pelo excesso de positividade, pela exaustão do desempenho, produzindo o que Han (2015) nomeou de infarto psíquico.

Nesta perspectiva, a depressão seria o resultado de um esgotamento, de um ato de obediência do indivíduo a si mesmo, tendo como elemento interno e externo a tirania do desempenho, tornando suas atividades laborativas um modo sutil de auto exploração. Assim, o explorador e explorado são os mesmos sujeitos, agressores e vítimas concomitantemente, ele tem a ilusão da liberdade como um combustível extremamente eficaz.

Para Han (2015), nos tempos atuais o trabalho não é mais tido como algo negativado pelo indivíduo, mas sim supervalorizado, pois mediante ele, o indivíduo executa seus desejos de auto realização pessoal, pertencimento, elevação social, fazendo com que “livremente”, ele produza sempre mais, sem jamais repousar e desconectar-se. Este ritmo frenético e exaustivo, torna-se uma vivência autoagressiva, que muitas vezes conduz tal sujeito a forma mais radical de autoagressão que é o suicídio, pois em uma sociedade marcada pela ânsia de um desempenho sem limites, produz indivíduos esgotados, depressivos, desgastados pelo combate consigo.

Na opinião de Han (2015), esta exaustão do homem contemporâneo apresenta-se como sendo um cansaço solitário onde os sujeitos se encontram em constante duelo, guerra consigo, objetivando uma produtividade sem limites, pois quando uma meta é alcançada, surgem muitas outras. No mundo digital, até objetos perderam sua gravidade, seu peso ôntico, como contrapeso à subjetividade não respondem com sua presença enquanto ente, deixaram de ser, não oferecem resistência, não há mais opostos e o mistério e a presença de outras subjetividades são eliminados.

As relações interpessoais na esfera digital não colocam os sujeitos em contato com a presença real. A voz do outro se torna sempre mais absorvida, de modo a fazer surdo e cego, pois no ruído digital do mesmo, para-se de perceber a voz do outro e o indivíduo se torna resistente à voz e olhar da outriedade. Byung-Chul Han também menciona o papel e importância da virtude da escuta, ato tipicamente humano, tão necessário em um contexto centrado no *ego* produtivo, esquecido do outro, auto centrado, sedento de mais.

A escuta enquanto ato ativo, permite a afirmação do outro em sua alteridade, possibilitar abertura, coloca-nos em contato com uma subjetividade distinta, uma vez que a voz do vizinho, na escuta será sempre voz alheia. Esta sociedade da positividade, do tudo é possível (*yes, we can*), tornam as pessoas mortas para a vida e vivas para morrer, pois sequestra a dignidade humana fazendo de cada indivíduo uma máquina de multitarefas supervisionado e governado por seu eu narcísico.

Na opinião de Han (2017), o próprio indivíduo, envolto neste paradigma marcado pelo excesso de positividade, impõem sobre seus membros padrões altíssimos de desempenho, ignoram a dimensão do ócio, banem a rotina, excluem o repouso, posterga a capacidade da escuta, inviabiliza a dimensão contemplativa da existência, tornando o indivíduo preso em si mesmo. O homem contemporâneo pode ser descrito como alguém desprovido da crença das grandes narrativas da razão, da ciência, das normas racionais coletivas e das referências externas. Todos estes fenômenos, agora superados e substituídos por um exacerbado culto da positividade individual, da realização pessoal, tornaram-se um dos paradigmas centrais da sociedade atual.

A contemporaneidade marcada pelo desempenho, tornam as pessoas mortas para a vida e vivas para morrer, pois sequestra a dignidade humana fazendo de cada indivíduo uma máquina multitarefas, supervisionado e governado por si mesmo. Na opinião de Han (2017), essa sociedade impõe sobre seus membros padrões altíssimos de desempenho ignora o tédio, a rotina, o repouso, consequentemente perder a capacidade da escuta, da atenção profunda e contemplativa, perde-se a fé em Deus, na própria realidade, no além, levando a pessoa à mudez.

Na opinião de Oliveira (2018), tem crescido exponencialmente o interesse científico pela investigação de transtornos decorrentes do uso excessivo das mídias digitais, particularmente do *smartphones*. O uso quase que ilimitado das conexões virtuais via *smartphones* possibilita uma atmosfera de dependência devido ao seu alto grau de entretenimento, prazer, distração, possibilidades, pois o mundo encontra-se num pequeno aparelho ao alcance das mãos.

Já se é sabido que indivíduos com acentuada vulnerabilidade psíquica tendem a buscar instabilidade e segurança emocional nas mídias virtuais, visto que estas fornecem inúmeras ferramentas, tornando a conexão uma realidade sempre mais atraente, prazerosa e naturalizada. Na análise de Byung-Chul Han, toda esta efervescência em torno das novas e múltiplas formas de interação social produziu o que se pode nomear como a cultura da conexão que produziu uma nova forma de agir, interagir e reagir, de modo que os usuários destas mídias não são meros consumidores, mas também criadores, propagadores, compartilhadores, motivados pela máxima de que a informação não propagada é informação morta.

Sherry Turkle (1948), docente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, a mais de trinta anos pesquisa sobre os impactos da era tecnológica no comportamento humano reconhece a ambiguidade que o desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas tem produzido, sobretudo na percepção intrassubjetiva e intersubjetiva. Na opinião de Turkle (2013), as novas tecnologias da informação e interação social permitem às pessoas estarem sempre e cada vez mais conectadas, sempre mais incapazes de espaços de solidão, sempre mais impedidas de auto ver-se, sendo este fenômeno um reflexo da fragilidade que as relações mediadas digitalmente produzem em seus adeptos.

Conforme aponta Turkle (2013), na atualidade em que o indivíduo vive, torna-se muito difícil o diálogo, no qual o interlocutor, em algum momento do encontro, coloque o outro em estado de pausa para atender seu telefone, responder uma mensagem no *whatsapp*, visualizar seu e-mail, atualizar seu *instagram*, etc. Este fenômeno de se manter conectado constantemente, por todos já aceito como algo natural, externaliza um estado de ansiedade que se encontra como que na base das relações virtuais, porque se torna um imperativo categórico experimentar algo e postar no *facebook*, no *instagram*, de modo que comunicar experiências se tornou um estado de emergência.

As pesquisas de Turkle (1999), revelaram que a sociedade contemporânea, por fazer excessivo uso das redes sociais se desgasta emocional e fisicamente. Isso ocorre, tanto na esfera virtual, quanto no mundo real, de modo que tem se tornado extremamente difícil delimitar as fronteiras, sempre mais tênues, entre o real e o virtual.

### **Considerações finais**

A utilização das novas formas de interação social compõe o dia a dia das pessoas em distintos ambientes: casa, trabalho, lazer, escola, e tantos outros lugares tornando

usuário sempre conectado. As novas redes sociais de comunicação são um fato preponderante na contemporaneidade de modo que estar conectado tornou-se uma necessidade, algo natural, de modo que se torna cada vez mais impensável a não conectividade, pois desconectar-se só como estar excluído, segregados, distante. Talvez:

El uso compulsivo de las redes sociales en línea puede generar una pérdida en las habilidades comunicativas de los usuarios que las utilizan, pudiendo llegar a desembocar en una especie de analfabetismo relacional y facilitar la construcción de relaciones sociales ficticias. En las redes sociales en línea, como por ejemplo, en Facebook, se ha observado una asociación entre el grado de adicción a esta red social con la baja autoestima, la depresión y la falta de habilidades sociales. (ECHEBURÚA; CORRAL, 2010, p. 95).

Na opinião de Han (2014), ainda que o indivíduo esteja como que na crista da onda, por assim dizer, já se pode afirmar que a chamada cultura digital se manifesta sob a forma de uma certa euforia adolescente, carecendo de um uso moderado que considere as influências e alterações que tal ferramenta produz em seus usuários. Aliás, o autor, na sua obra, *Sociedade do Cansaço* (2017), retrata a impossibilidade dos indivíduos contemporâneos de relaxarem, descansarem, curtirem finais de semana, pausarem atividade laborativas, de modo que tal incapacidade produz um estilo de vida desgastante.

O homem contemporâneo pode ser caracterizado como um ser incapaz de descansar, incapaz de se desconectar, incapaz de pausar suas atividades, tornando-se uma presa constante da armadilha da vida ativa. Os textos de Byung-Chul Han diagnosticam a sociedade contemporânea como uma era do trabalho sem interrupção, com o diferencial de que nos tempos atuais as atividades laborais não são impostas de fora para dentro, mas desejada e estimulada a partir do indivíduo, do cultivo do ego e em nome de uma pretensa liberdade.

Na compreensão de Han (2013), a contemporaneidade é uma sociedade pornográfica, voltada para fora, descoberta, despojada, despida, exposta, muito preocupadas com o que os demais reagiram no tocante as suas ações, onde tudo é compartilhado, onde não há mais segredo. Dentro dessa perspectiva, observa-se que o cansaço é produzido pela capacidade do aprofundamento no prazer, no segredo, no desejo, fazendo com que a sedução desapareça, uma vez que a exposição e a evidência passam a ser afirmativos categóricos o tempo inteiro.

El dominio de la transparencia empobrece, afirma Han, porque a través de la comunicación y la información impone un lenguaje carente de misterio y ambigüedad. En la sociedad de la transparencia, la distancia

y el pudor (ocultamiento) pierden su antigua relevancia cultural como elementos de la vida, la contemplación estética, la seducción. (ROCCA, 2017, p. 7).

Na compreensão de Han (2013), graças às novas formas de comunicação, o homem contemporâneo, constantemente conectado, anula as distâncias, por causa de que tudo está próximo, facilitado com um rápido deslizar de dedo sobre a tela do *smartphones*. A partir das leituras de Han (2013), o indivíduo contemporâneo padece do culto da alta performance, exerce auto exploração, por isso, termos e expressões como: motivação, competitividade, rendimento, desempenho e outros sinônimos são buscas que o sujeito segue avidamente.

Este desejo e busca incessante de autodesempenho conduzem a uma autoexploração, produzem um mecanismo automático de autoexigência constante, gerando patologias neuronais, dentre elas a depressão, que surgem amiúde como um fracasso, seja do ponto de vista pessoal, seja da performance de si mesmo. De acordo com Han (2013), as mídias digitais intigaram o homem a se expor, a exhibir-se, não como uma forma de exercício da liberdade individual, mas como fruto de uma manipulação sutil e velada, que beneficiará grandes empresas de *marketing*, dentre elas o *Google*, que coleta informações oferecidas gratuitamente e de bom grado pelos usuários, que de certa forma, configuram-se como atores de um *Big Brother digital*, transformando conteúdos íntimos e privados em produtos de consumo.

## Referências

- AMORIM, S.; NETO, S. N. *O que é um paradigma?* Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 345-354, Outubro de 2011.
- BALLADARES, J. *Uma ética para las nuevas generaciones digitales*. Revista Pucce. Núm.104. 3 de Mayo de 2017 - 3 de Nov. de 2017, pp. 543-563.
- CESTARI, G. H. O. *Alteridade em Peirce e negatividade em Han*. Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 13, p. 35-48, jan-jun. 2016.
- ECHEBURÚA, E.; CORRAL, P. (2010). *Adicción a las nuevas tecnologías y a las redes sociales en jóvenes: un nuevo reto*. Adicciones, 22(2), 91-96.
- HAN, B.-C. *La sociedad de la transparencia*. Barcelona: Herder, 2013.
- \_\_\_\_\_. *En el enjambre*. Barcelona: Herder, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Psicopolítica: Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*, Barcelona, Herder Editorial, 2014.
- \_\_\_\_\_. *En el enjambre*. Barcelona, Herder Editorial, 2014
- \_\_\_\_\_. *Hoy no se tortura, sino que se "postea" y se "tuitea"*, Berlin: 2015. ABC, Madrid, 02 fev. 2015. Entrevista concedida a Alfonso Armada.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis. Ed. Vozes, 2015.

OLIVEIRA, T. S. *Dependência do Smartphone: Um Estudo da Nomofobia na Formação de Futuros Gestores*. Orientador: Manoel Pereira da Rocha Neto Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Potiguar. Pró-Reitoria Acadêmica – Núcleo de Pós-Graduação. Natal, 2018.

MARTELETO, R. M. *Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação*. Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Brasília, v. 3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010.

KUHN, T.S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

TURKLE, S. *Fronteiras do real e do virtual*. Revista Famecos. Porto Alegre, n. 11, dez. 1999, 117-123.

\_\_\_\_\_. S. *A vida no ecrã: identidade na Era da Internet (tela)*. Editora: Relógio D água. 2013.

*Recebido em: 13/05/2020*

*Aprovado em: 21/05/2020*